

## VYGOTSKY - SOBRE O PLURILINGUISTO NA IDADE INFANTIL (1928)<sup>i</sup>

## VYGOTSKY - ON PLURILINGUALISM IN CHILDHOOD (1928)

## VYGOTSKY - SOBRE EL PLURILINGÜISMO EN LA EDAD INFANTIL (1928)

Fábio Marques de Souza<sup>1</sup>

Ivo di Camargo Junior<sup>2</sup>

Laís de Sousa Nóbrega Aguiar Pereira<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma tradução, do espanhol para o português, do texto escrito em 1928 por Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), psicólogo russo e proponente da Psicologia histórico-cultural. Publicado pela primeira vez em 1935 no livro intitulado “*Umstvennoie razvitie detei v protsesse obucenia* [O desenvolvimento intelectual das crianças no processo educativo], em Moscou, pela editora Ucpedgiz”. Ao tecer reflexões a respeito do plurilinguismo na idade infantil, o pensador discute sua influência no desenvolvimento psíquico e linguístico das crianças. Destaca-se a importância da linguagem interna e externa no processo de resolução de problemas, evidenciando seu papel crucial no desenvolvimento cognitivo. O autor ressalta que o plurilinguismo não apenas afeta a pureza da língua materna, mas também influencia o desenvolvimento emocional e de caráter da criança. A interação entre diferentes sistemas linguísticos pode resultar em inibições associativas e conflitos que impactam a fluência e a expressão nas línguas dominadas pela criança. Epstein argumenta que a utilização passiva de várias línguas é menos prejudicial do que a mistura ativa, defendendo a monoglotia de expressão como ideal. Conclui-se que o plurilinguismo na infância é um tema complexo que requer investigações aprofundadas, levando em consideração a idade das crianças, a coexistência de idiomas e a influência pedagógica.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento psíquico; Plurilinguismo infantil; Influência da linguagem; Desenvolvimento cognitivo; Monoglotia de expressão.

### ABSTRACT

This article presents a translation, from Spanish to Portuguese, of the text written in 1928 by Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934), a Russian psychologist and proponent of historical-cultural psychology. First published in 1935 in the book titled “*Umstvennoie razvitie detei v protsesse obucenia* [Intellectual development of children in the educational process], in Moscow, by the publisher Ucpedgiz.” By reflecting on plurilingualism in childhood, the thinker discusses its influence on the psychic and linguistic development of children. The importance

<sup>1</sup> Doutor em Educação (USP), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), <https://orcid.org/0000-0003-4538-3204>, [fabiohispanista@gmail.com](mailto:fabiohispanista@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística (UFSCar), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), <https://orcid.org/0000-0002-4259-4711>, [santacroce@gmail.com](mailto:santacroce@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Linguagem e Ensino (UFCG), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), <https://orcid.org/0000-0003-1602-013X>, [nobregalaisdesousa@gmail.com](mailto:nobregalaisdesousa@gmail.com)



of both internal and external language in problem-solving processes is emphasized, highlighting its crucial role in cognitive development. The author emphasizes that plurilingualism not only affects the purity of the mother tongue but also influences the emotional and character development of the child. The interaction between different linguistic systems can result in associative inhibitions and conflicts that impact fluency and expression in languages mastered by the child. Epstein argues that the passive use of multiple languages is less detrimental than active mixing, advocating for monoglot expression as ideal. It is concluded that plurilingualism in childhood is a complex topic that requires in-depth investigation, taking into account the age of the children, the coexistence of languages, and pedagogical influence.

**Keywords:** Psychic development; Childhood plurilingualism; Language influence; Cognitive development; Monoglot expression.

## RESUMEN

Este artículo presenta una traducción, del español al portugués brasileño, del texto escrito en 1928 por Lev Semionovitch Vigotski (1896 - 1934), psicólogo ruso, defensor de la Psicología histórico-cultural, y publicado por primera vez el año 1935 en el libro titulado “*Umstvennoie razvitie detei v protsesse obucenia* [El desarrollo intelectual de los niños en el proceso educativo] en Moscú, bajo sello editorial Ucpedgiz”. Al reflexionar sobre el plurilingüismo en la infancia, el pensador discute su influencia en el desarrollo psíquico y lingüístico de los niños. Se destaca la importancia del lenguaje interno y externo en el proceso de resolución de problemas, evidenciando su papel crucial en el lenguaje en el desarrollo cognitivo. Además, se señala que el plurilingüismo no solo afecta la pureza de la lengua materna, sino que también incide en el desarrollo emocional y de carácter del niño. La interacción entre diferentes sistemas lingüísticos puede generar inhibiciones asociativas y conflictos que impactan la fluidez y la expresión en las lenguas dominadas por el niño. Epstein sostiene que la utilización pasiva de varios idiomas es menos perjudicial que la mezcla activa, por lo tanto, aboga por la monoglotía de expresión como ideal. En conclusión, se destaca que el plurilingüismo en la infancia es un tema complejo que requiere investigaciones profundas, considerando la edad de los niños, la coexistencia de idiomas y la influencia pedagógica.

**Palabras-clave:** Desarrollo psíquico y cognitivo; Plurilingüismo infantil; Influencia del lenguaje; Monoglotía de expresión.

O problema do plurilinguismo na idade infantil é um dos mais complexos e confusos da psicologia moderna. [...].

Tanto cronológica quanto logicamente, devemos situar, em primeiro lugar, o estudo de *Epstein*, que se fundamenta em observações pessoais do autor sobre os políglotas, em dados de pesquisas realizadas com pessoas que são proficientes em vários idiomas e, por fim, em alguns experimentos relacionados ao ensino de diversos idiomas realizados pelo autor na Suíça. Para *Epstein*, a base psíquica da língua é um processo de relação associativa estabelecida entre o complexo fônico e seu significado correspondente significado, isto é, o objeto ou a ideia, cujo nome é esse complexo fônico. A partir desta premissa psicológica fundamental, toda a análise posterior do problema é derivada. Se a linguagem se baseia principalmente na ligação associativa

entre o signo e seu significado, então o problema do plurilinguismo, desse ponto de vista, é bastante simples. Em vez de uma única ligação associativa, neste caso temos duas ou mais ligações completamente idênticas entre um significado e suas diversas denominações fonéticas em dois ou mais sistemas linguísticos.

A psicologia experimental tem estudado muito bem os fenômenos que foram denominados como inibição associativa. Seu fundamento está radicado em que vários nexos associativos, derivados de um ponto, se inibem uns aos outros se uma ideia está simultaneamente relacionada com duas designações fônicas, a tendência de ambas as palavras é a de emergir em nossa consciência após a ideia dada. As duas tendências associativas competem entre si e, por causa disso prevalece onexo associativo mais forte e habitual. Contudo, a vitória acaba sendo o resultado de um conflito que se manifesta na desaceleração e alterações do processo associativo. Por isso, *Epstein* afirma que dois ou vários sistemas linguísticos podem existir simultaneamente de forma mais ou menos autônoma, sem estabelecer entre si relações diretas, mas exercendo umas sobre outras inibições associativas. Ele afirma que cada uma das diversas línguas pode associar-se diretamente com a ideia e funcionar em todas as formas, tanto de impressão quanto de expressão, independentemente da língua materna. Entre esses sistemas, no entanto, cada um dos quais se relaciona da mesma forma com o pensamento através do nexos associativo, surge um antagonismo que confronta as diversas tendências associativas, resultando na mescla de elementos de um sistema com elementos do outro, e dificulta e empobrece não apenas a nova língua, mas também a materna.

Portanto, junto com a inibição social ativa, surge a interferência ou mescla e interação de ambos os sistemas. A influência negativa de uma língua sobre outra se evidencia em dificuldades de expressão, insegurança, erros de estilo, confusão de palavras, etc.

Assim, a influência negativa de uma língua sobre outra persiste. A poliglotia, como o autor aponta, cria obstáculos inevitáveis no pensamento. Devido a competência das tendências associativas, ocorre uma interação extremamente complexa entre elas, resultando em uma influência negativa mútua de um sistema linguístico sobre o outro. Como nos diversos idiomas, geralmente, não há palavras completamente idênticas que correspondam com absoluta exatidão às palavras de outro idioma. Existe quase sempre uma certa diferença não só nos idiomas, mas também no significado; isso se deve também ao fato de que cada idioma possui seu próprio sistema gramatical e sintático, e o pluralismo dificulta seriamente o pensamento infantil. Segundo o autor, cada povo

possui seu próprio modo característico de agrupar as coisas e suas qualidades, suas ações e relações para nomeá-las. Os termos que nos parecem equivalentes nos diversos idiomas o apenas parcialmente equivalentes. Existem nuances, significados e sentidos que são impossíveis de traduzir diretamente de um idioma para outro. A diferença semântica é um fator extremamente poderoso de interferência na poliglotia. Não apenas as peculiaridades fonéticas, gramaticais e estilísticas são transferidas de um sistema para outro, mas de alguma forma também ocorre uma identificação semântica distorcida.

Essa dificuldade é mais significativa do que aquela causada por diferenças nas palavras. Embora a inclusão de palavras de outro idioma seja rara, geralmente ocorre uma certa confusão de ideias e significados. *Epstein* argumenta que o antagonismo entre ideias é mais intenso do que o antagonismo entre palavras. Um fator ainda mais crucial na inibição mútua de dois sistemas linguísticos é não apenas a diferença nas ideias, expressas pelas palavras em diferentes línguas, mas também nas combinações dessas ideias.

A língua materna estabelece em cada indivíduo processos peculiares de conexão e construção de ideias, refletidos nas estruturas sintáticas. Essas formas adquirem um carácter associativo excepcional, mas são diferentes em cada idioma. Isso gera interferência entre os diferentes princípios de conexões de ideias, resultando não apenas uma inibição mútua de palavras e significados, mas também uma inibição mútua dos diversos modos de conexão ou associação de ideias. *Epstein* faz uma implicação prática desta teoria: a utilização passiva de várias línguas é a menos prejudicial. Ele argumenta que o multilinguismo é um mal social e que a missão do educador consiste em minimizar a influência desse mal no desenvolvimento da criança. Portanto, para *Epstein*, a criança deve falar apenas um idioma, já que a mistura ativa de duas línguas é considerada o mais prejudicial. Assim, compreender e ler, ou usar passivamente, muitos idiomas é a dedução prática que o autor faz de sua pesquisa. De acordo com ele, deve haver, segundo ele diz, uma poliglotia passiva e uma monoglotia de expressão.

Vamos continuar, os danos causados pela poliglotia, de acordo com estas observações, dependem não só da forma ativa ou passiva como a língua é usada, mas também da idade da criança. A influência da poliglotia é mais prejudicial na primeira infância, quando a criança começa a dominar o primeiros hábitos e formas de pensamento, quando as conexões associativas entre seu pensamento e linguagem ainda carecem de solidez e quando, conseqüentemente, a competência em diferentes conexões

associativas, estabelecidas em outro sistema linguístico é particularmente prejudicial para todo o curso de seu desenvolvimento linguístico e intelectual [...].

[...] Muitos pedagogos linguistas, ao contrário de *Epstein*, defendiam que aprender várias línguas diferentes umas das outras favorece mais do que inibe o desenvolvimento psíquico, e que as diferenças entre duas línguas ajudam a compreender melhor a própria. Como exemplo desse ponto de vista, costuma-se citar a fascinante experiência do linguista francês E. Rongeau, que observou ao longo de vários anos o desenvolvimento linguístico de seu próprio filho. Rongeau, o pai do menino, era francês e a mãe, alemã. Na educação do filho, realizaram um experimento que aderiu rigorosamente ao seguinte princípio: uma pessoa ↔ uma língua. Isso significava que o pai sempre falava com ele em francês e a mãe em alemão. Das pessoas ao seu redor, algumas falavam em francês e outras em alemão, mas seguindo quase sempre o mesmo princípio: cada um falava com a criança de preferência em apenas um idioma. O resultado surpreendente desse experimento foi que o menino assimilou as duas línguas de maneira paralela e quase independentemente uma da outra, o domínio paralelo dos dois sistemas linguísticos refere-se tanto ao aspecto fonético, quanto às estruturas gramaticais e estilísticas. Um fato muito interessante, digno de nota, é que ele conseguia assimilar simultaneamente os sons dos dois sistemas de articulação. Podia-se observar nele uma espécie de bifurcação no desenvolvimento linguístico, como se estivesse dividido em duas partes, inserida em dois processos independentes. Todas as fases e etapas que marcam a transição dos primeiros balbucios para uma linguagem formalmente correta, com todas as suas peculiaridades e características distintivas, eram evidentes nas línguas francesa e alemã, embora o alemão, por ser a língua materna da mãe, tenha avançado mais rapidamente no início.

Contudo, o resultado mais notável do experimento foi a grande independência de ambos sistemas linguísticos, que se manifestou no menino relativamente cedo. Ele dominava perfeitamente as duas línguas e um fenômeno linguístico muito interessante que pôde ser observado rapidamente quando ele precisava expressar a mesma ideia para sua mãe e seu pai em duas línguas diferentes. Quando o pai lhe pedia, falando em francês, para transmitir algum recado à mãe, o menino o fazia em alemão corretamente, de modo que era impossível perceber qualquer influência da tradução do francês, idioma em que o pedido havia sido feito. Por exemplo, o pai dizia para ele sair do seu quarto porque estava frio e o dizia em francês: "Não fique aqui, está muito frio, vá para lá.". O

menino ia para o outro quarto e dizia à mãe em alemão: “No quarto do papai está muito frio.”.

Os processos de utilização de um e outro idioma decorriam sem confusões ou interferências. Em raras ocasiões, observava-se a transferência de uma língua para outra na forma de colocação de palavras ou expressões, bem como uma tradução literal de palavras intraduzíveis. Muito raramente, a criança colocava o adjetivo depois do substantivo, tão frequente na língua francesa. No entanto, é importante notar que, por vezes, ocorria alguma confusão dos elementos de uma língua com os da outra, mas foi demonstrado experimentalmente que esses erros e confusões são característicos da linguagem infantil em geral e, mais do que uma regra, constituem uma exceção. O menino logo tomou conhecimento de seu bilinguismo. Na presença de ambos os pais, ele nomeava os objetos separadamente nas duas línguas e, apenas mais tarde, começou a distinguir as duas línguas, designando-os da seguinte forma: falar como a mamãe e falar como o papai.

Quando perguntado se esse aprendizado paralelo das duas línguas era um obstáculo para o desenvolvimento linguístico e intelectual da criança, Rongeau respondeu com um categórico não.

Destacamos, ainda, que a criança realizava um duplo trabalho durante a aquisição das duas línguas sem qualquer retardamento em seu desenvolvimento linguístico e sem qualquer esforço suplementar visível para assimilar a segunda forma de linguagem. Como de costume, esse experimento fornece resultados "puros" devido às condições artificiais nas quais a observação é conduzida. No caso apresentado, Rongeau atribui com toda razão o sucesso do experimento ao princípio estritamente mantido de uma pessoa ↔ uma língua. Supomos que foi precisamente esta organização da atividade verbal da criança que a preservou de interferências e confusões, da deterioração recíproca das duas línguas. Outro caso exposto por Rongeau — quando o pai e a mãe falavam com a criança em línguas diferentes — teve consequências muito diferentes para o desenvolvimento linguístico: a criança, relativamente mais tarde do que as crianças normais, dominou com plena segurança ambas as línguas, tornando-se um falante proficiente.

A introdução da linguagem em uma situação específica e contínua parece ser um fator essencial que facilita a aprendizagem da segunda língua, conforme observação perspicaz de Stern, que analisou este caso.

A questão levantada por *Epstein* é muito mais abrangente do que a resposta fornecida pelo experimento de Rongeau. De fato, ele aborda essa questão a partir de um único ponto de vista: de que modo a aprendizagem da segunda língua pode influenciar negativamente ou positivamente o desenvolvimento da língua materna? No entanto, há outra pergunta igualmente importante que ultrapassa em muito limites da aprendizagem de línguas, no sentido estrito do termo, e refere-se à conexão entre o multilinguismo nas crianças e seu pensamento. Como já vimos, *Epstein* também chega a conclusões pessimistas a este respeito. O plurilinguismo, em sua opinião, é um mal para o desenvolvimento linguístico da criança, porém é ainda mais prejudicial para o desenvolvimento de seu pensamento. É um fator que retarda seu desenvolvimento mental, cria confusão em seus conceitos, confunde as associações de suas ideias, retarda e dificulta todo o processo mental no seu conjunto.

Ultrapassando amplamente os limites do assunto, alguns autores adentram profundamente na questão sob uma perspectiva teórica e estabelecem uma ligação entre os distúrbios patológicos da linguagem e as dificuldades na fala e no pensamento enfrentadas pelo poliglota. Os neuropatologistas referem-se a fenômenos muito interessantes observados em políglotas em casos de afasia.

E. Sepp discute os casos de afasia motora em políglotas como um exemplo notável que permite supor que a localização dos centros linguísticos depende da ordem de aquisição da linguagem. Quando certas áreas do córtex cerebral estão danificadas, o paciente perde a capacidade de se expressar na língua materna; contudo, a habilidade de falar na língua menos utilizada e, por vezes, bastante esquecida, não só não desaparece, como também se manifesta com maior liberdade e amplitude do que no período anterior à doença. Segundo Sepp, é plausível supor que as representações das funções linguísticas estão localizadas em áreas progressivamente novas, dependendo da ordem de sua formação.

Nos exemplos citados, observamos dois momentos que nos chamam atenção inicialmente. Em primeiro lugar, é apontado que diferentes sistemas linguísticos têm localização distintas, e a capacidade de manter um idioma quando se perde a capacidade de falar no outro, demonstra novamente a relativa independência de cada sistema linguístico. Em segundo lugar, o fato de que um dos sistemas linguísticos, quase esquecido e pouco utilizado, aparentemente suplantado pelo outro idioma, ganha a oportunidade de desenvolver-se livremente quando o primeiro é destruído.

Chegamos, portanto, a uma conclusão que confirma a tese de *Epstein* sobre a autonomia dos sistemas e sua conexão direta com o pensamento, bem como sua luta funcional recíproca. Muitos pesquisadores contemporâneos citam numerosos casos em que a transição abrupta de uma língua para outra ou a aprendizagem simultânea de várias línguas causa distúrbios patológicos na atividade linguística.

[...] No entanto, essa semelhança com os distúrbios patológicos da linguagem nada mais é que uma conclusão extrema de pesquisas bastante difundidas que, sem chegar a tais extremos, tomam conclusões pouco lisonjeiras sobre a influência do multilinguismo no desenvolvimento mental da criança [...].

Até o momento, os dados citados nos conduzem a uma dedução teórica e prática importante: não podemos considerar resolvido o problema de influência do bilinguismo no desenvolvimento adequado da língua materna da criança ou em seu desenvolvimento intelectual geral. Além disso, é uma questão muito complexa e discutível que requer investigações especiais para ser resolvida. Mesmo hoje em dia, o desenvolvimento dessa questão não nos permite supor que sua solução seja simples e inequívoca. Pelo contrário, todos os dados mencionados até agora demonstram que sua solução é extremamente complexa, dependendo da idade das crianças, da coexistência dos dois idiomas e, por fim, da ação pedagógica, o fator mais importante no desenvolvimento da língua materna e do outro idioma. Não obstante, algo que já está claro é que os dois idiomas que a criança domina não se interferem mecanicamente um com o outro nem se submetem meramente às simples leis de inibição recíproca.

[...] O maior defeito de todas as pesquisas realizadas até agora neste campo, incluindo os experimentos de *Epstein*, é a inconsistência metodológica e teórica das premissas utilizadas para abordar e estudar o assunto que nos interessa. Por exemplo, nas pesquisas psicológicas atuais, não se considera de forma alguma que as relações entre pensamento e linguagem sejam simplesmente uma associação entre duas representações, cuja lei fundamental é a da inibição recíproca. No entanto, basta desistir dessa ideia errônea para que, ao mesmo tempo, toda a concepção de *Epstein* desmorone. O problema do pensamento e da linguagem leva o psicólogo à conclusão de que os vínculos e as dependências nos quais essa função superior e específica do ser humano se baseia são infinitamente mais complexos. E se tal afirmativa for verdadeira, a própria complexidade desse fenômeno necessariamente exige que a consideremos forçosamente [...].

[...] Outra consideração, que julgamos igualmente precisa e que também se deduz da revisão crítica de pesquisas anteriores, é que todo o problema do bilinguismo não deve ser encarado de forma estática, mas sim de maneira dinâmica, levando em conta o desenvolvimento da criança. Acreditamos que a abordagem de *Epstein* e outros autores é inconsistente do ponto de vista científico. Não se pode simplesmente questionar se o bilinguismo sempre constitui um fator favorável ou inibidor, em qualquer circunstância, sem levar em consideração as condições específicas em meio às quais ocorre o desenvolvimento da criança e as leis que o regem, as quais se modificam em cada estágio da sua idade.

Nossos pesquisadores devem, portanto, observar duas diretrizes: uma refere-se à necessidade de a pesquisa tenha um caráter específico e leve em consideração todos os fatores sociais no desenvolvimento intelectual da criança; a outra é a importância de incorporar uma perspectiva genética para estudar a variedade de mudanças qualitativas que ocorrem no processo do desenvolvimento infantil.

E, por fim, uma condição imprescindível para a formulação dessas investigações gerais reside na necessidade de abandonar a superficialidade no estudo da questão, de considerar os sinais e indícios externos e analisar em profundidade a estrutura interna desses processos, os quais estão diretamente relacionados com o desenvolvimento linguístico da criança. Em certo sentido, essa ampliação e aprofundamento já foram realizados por pesquisadores anteriores, e tivemos a oportunidade de demonstrar o desenvolvimento do problema quando ultrapassamos os limites estreitos de sua formulação inicial.

Atualmente, o problema da poliglotia infantil não se resume apenas a determinar se a pureza da língua materna da criança é prejudicada pela influência da segunda língua. Essa última questão é apenas parte de um problema mais amplo e complexo, que inclui a teoria geral sobre o desenvolvimento linguístico da criança, abrangendo toda a riqueza do conteúdo psicológico comumente atribuído a tal conceito. Em todo o desenvolvimento linguístico da criança, considerado como um todo, e não apenas na pureza de sua língua materna, em todo o seu desenvolvimento intelectual e, por fim, em seu desenvolvimento de caráter e emocional, a linguagem exerce uma influência direta. Embora os pesquisadores anteriores já estivessem cientes de que o problema se ampliava nessa direção precisamente, ainda há uma esfera de influências linguísticas no desenvolvimento da criança que tem sido pouco esclarecida até o momento e sobre a

qual gostaríamos de chamar a atenção dos leitores como conclusão deste capítulo. Trata-se da esfera das influências linguísticas ocultas.

Uma consciência ingênua acredita que a linguagem só participa em funções que exigem obrigatoriamente o uso da palavra falada. Todos os chamados testes verbais contêm uma formulação verbal da tarefa proposta ou uma solução que requer o emprego da palavra. A esses testes, geralmente, são contrastados os testes silenciosos ou não verbais, que carecem de instruções linguísticas ou as aceitam em uma proporção mínima, e cuja solução consiste em uma certa compensação de ações sem o uso evidente da linguagem.

Uma consciência ingênua considera que basta eliminar, por meios puramente externos, o uso óbvio da linguagem para extinguir toda a influência da língua sobre as operações intelectuais da criança e, assim, alcançar o intelecto em sua forma pura, não obscurecida pelas palavras.

Nossos experimentos demonstraram que essa perspectiva ingênua não suporta à crítica experimental. Na verdade, a resolução dos chamados testes silenciosos exige, como condição essencial, a participação interna oculta da linguagem em duas maneiras. Por um lado, a linguagem interna simplesmente substitui a externa. O fato de uma criança resolver um problema em silêncio não significa que o faça sem a ajuda da linguagem. Ela está apenas substituindo os processos da linguagem externa pelos da interna, que, claro, são qualitativamente diferentes da linguagem externa, mas constitui um estágio ainda mais complexo e avançado em seu desenvolvimento. Portanto, o pesquisador que utiliza o teste silencioso, pensando que está liberando a criança da participação da linguagem, na verdade, está introduzindo inconscientemente a linguagem de forma oculta, na forma de linguagem interna, ou seja, na forma mais desafiadora para a criança. Assim sendo, não está apenas facilitando a parte linguística do texto, mas tornando-a ainda mais difícil. Não está apenas somente eliminando a influência da linguagem, mas introduzindo maiores exigências no desenvolvimento linguístico da criança, pois resolver um problema tarefa com a ajuda da linguagem interna é mais difícil para ela do que quando utiliza a externa, pois a linguagem interna constitui um estágio mais avançado do desenvolvimento linguístico.

Há outras formas de influências ocultas da linguagem que são ainda mais interessantes. Um teste silencioso, que requer da criança uma ação racional, significativa e complexa, pode não implicar necessariamente a participação da linguagem interna ou pode fazê-lo minimamente. Entretanto, ao mesmo tempo, junto com isso, o teste

apresenta em tal ação exigências que só podem ser cumpridas com base em um alto desenvolvimento da inteligência prática da criança. Pesquisas, por sua vez, demonstram que o desenvolvimento do intelecto prático das crianças é alcançado com o auxílio da linguagem e, portanto, se a linguagem não participa da solução da tarefa exigida pelo teste silencioso de forma imediata, direta e no momento da solução, isso significa que ele já havia participado anteriormente, uma vez que é condição indispensável para o próprio desenvolvimento do intelecto prático da criança.

A tese central da psicologia do pensamento atual, conforme formulada pelos pesquisadores, é que o pensamento humano, mesmo desprovido de palavras, é alcançado apenas por meio da linguagem. Portanto, eliminar os fatores linguísticos não é tarefa fácil; quando a palavra é expulsa pela porta, ela entra pela janela. Os pesquisadores não devem esquecer toda a multiplicidade e peculiaridade qualitativa dessas várias formas de participação da linguagem nas operações intelectuais da criança.

Mas não se trata apenas do pensamento e do intelecto prático da criança. Já discutimos a estreita relação da linguagem com o uso da mão direita ou esquerda da criança. Poderíamos evidenciar que essas mesmas independências existem no âmbito emocional e até mesmo em relação ao caráter. Há bastante tempo, alguns pesquisadores destacam que certas mudanças no desenvolvimento emocional e no caráter da criança estão associadas à linguagem. Temos todos os fundamentos práticos e teóricos para afirmar que não apenas o desenvolvimento intelectual da criança, mas também a formação de seu caráter, suas emoções e sua personalidade como um todo, estão diretamente influenciadas pela linguagem. Assim, ela se manifestará em maior ou menor grau em relação ao bilinguismo ou monolingüismo.

Portanto, o problema assume proporções mais abrangentes, levando-nos à seguinte conclusão: o bilingüismo deve ser estudado em toda a amplitude e profundidade de suas influências, abarcando integralmente o desenvolvimento psíquico da personalidade da criança em sua totalidade. Essa abordagem do problema do bilingüismo é justificada pelo estado atual da teoria.

*Submetido em: 26/03/2024*

*Aceito em: 25/07/2024*

---

<sup>i</sup> O artigo “Sobre o plurilinguismo na idade infantil” foi escrito em 1928 e originalmente publicado em russo no ano de 1935 no livro intitulado “*Umstvennoie razvitie detei v protsesse obucenia*” [O desenvolvimento intelectual das crianças no processo educativo], em Moscou, pela editora Ucpedgiz. Nossa tradução foi feita a partir da versão em espanhol publicada em 2000 no livro “*Obras Escogidas*”, na Espanha, pela editora Visor. A referência completa é: VYGOSTKY, L.S. “Sobre el plurilingüismo en la edad infantil”. In: VYGOSTKY, L.S. *Obras escogidas*, España: Visor, 2000, p. 341-348.